

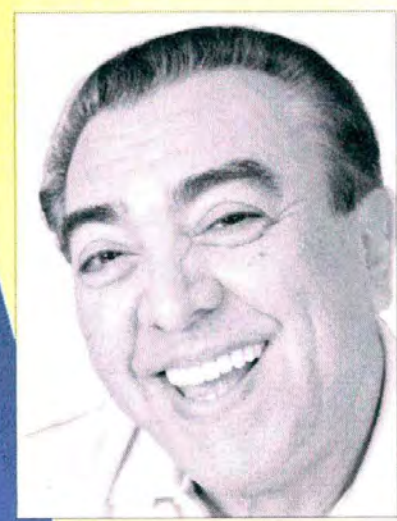
DF LETRAS

A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA

ANO IX Nº 111/116
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

Impresso
444/2003/DR/BSB
CÂMARA
LEGISLATIVA
...CORREIOS...

Maurício de Sousa



Brasília

45 anos

Patrimônio da humanidade

Gênio da história em quadrinhos



© MSP

C E N Á R I O

Numa pequena casa, no interior de São Paulo, os meninos acham-se reunidos com a tia e a avó. A mãe de Pedrinho, de sete anos, e de Zezinho, de oito anos, na cozinha, prepara o almoço. O pai saiu para dar uma volta de bicicleta. A manhã está ensolarada, radiante, nesse domingo morno, sem ninguém na rua. Quase todo mundo está nos clubes, ou então dormindo, aproveitando o domingo de Páscoa. Tia Júlia descansa na varanda. Mas, pode? Não pode! As crianças puxam-na para dentro da casa e...

Uma pequena história

de Brasília

– Tia, onde fica Brasília?
– Ué, Pedrinho, você não sabe? Com esta idade, já, completando sete anos, você ignora que a capital do Brasil é Brasília?

– Pois é, tia Júlia. É por isso mesmo que estou perguntando. Você também não sabe?

(Gargalhadas)

– Que é isso, menino? Brasília é a capital do Brasil.

– E o que quer dizer *capital*? pergunta Zezinho, participando da conversa.

– Bem, a palavra *capital*, Zezinho, tem muitos significados. A palavra expressa um pensamento. Algumas palavras representam várias coisas.

– Ih! Não estou entendendo! exclama Pedrinho.

– Espere, Pedrinho, vou explicar direitinho.

– *Capital* pode significar principal, maiúsculo, isto é, letra grande, por exemplo. Também pode exprimir a idéia de cidade onde fica estabelecido o governo que dirige um estado ou um país.

– Só isso? surge Mariazinha, perguntando à sua mãe.

– Não, senhorita Mariazinha!

A senhorita resolveu vir se juntar a nós? Pensei que não tivesse interesse na conversa de gente grande!...

– Não, mamãe, eu já tenho nove anos e sou grande. E gosto de aprender. Posso ficar aqui?

– Claro, minha filha. Seus priminhos não se importarão, garantto!

– Pode, sim! afirma Pedrinho.

– Também quero que você fique conosco! completa Zezinho.

– Assim é que se fala, Pedrinho e Zezinho. Chamem seu amiguinho, Júnior, que está na sala de visitas vendo televisão. Talvez ele prefira ficar conosco.

– Júnior, minha tia está chamando você! grita Zezinho para o amiguinho Júnior.

– Estou indo! responde Júnior.



– Muito bem. Vamos continuar a nossa conversa.

– Tia...

– O que é, Pedrinho?

– Você estava falando de Brasília, que é a capital do Brasil...

– Muito bem, Brasília é a capital do Brasil. Mas nem sempre a capital foi Brasília. Aliás, faz pouco tempo que passou a ser, já que ela foi fundada no dia 21 de abril de 1960.

– Puxa! Tão velha, assim?

– Velha, nada. Não faz muito tempo assim. Afinal, há cidades que têm mais de 3.000 anos. Por exemplo, Jerusalém. Roma tem mais de 2.000 anos. Paris já é bem velhinha, também. Quer saber uma cidade brasileira antiga, senhor Pedrinho?

– Quero, sim.

– Por exemplo, São Paulo: foi fundada em 1554.

– E existem outras?

– Claro, seu Pedrinho! Recife e Salvador são dessa época. O Rio de Janeiro, também. Há outras mais.

– É verdade, dona Júlia. Não sabia que Brasília era tão nova. Mas ela é mais velha que eu!

– Sim, senhor Júnior. Você tem dez anos, e ela, um pouco mais de 40, retruca a tia de Pedrinho, e continua:

– Falando em Salvador, essa foi a primeira capital do Brasil. É linda!

– E por que mudou?

– Zezinho, tudo muda. Depende de muitos fatores. De lá, de Salvador, mudou para o Rio de Janeiro. Nós estivemos no Rio de Janeiro, no casamento da tia Diva, há dois anos. Lembra-se?



– Lembro. Foi tão bom, que até gostaria de voltar...

– Então, o Rio foi capital até a inauguração de Brasília.

– E por que saiu de lá? pergunta Júnior.

– Júnior, o Brasil tem mais de 8.000.000 de quilômetros de área. É um país muito grande. Acho que parte da Europa cabe aqui. Vários países da Europa, como a França, a Bélgica, a Holanda, a Espanha, são menores que muitos estados brasileiros. Só alguns países do mundo são maiores, ou quase do tamanho do Brasil. Por exemplo, a China, a Índia, a Rússia, os Estados Unidos da América.

– E o que tem isso a ver?

– Tem, sim, Pedrinho. A maioria das cidades brasileiras ficava no litoral, à beira-mar. Era mais fácil. Os navios atracavam no litoral, e os portugueses, que vieram colonizar o Brasil, preferiam

assentar-se próximo ao mar, pois assim não tinham de andar muito – naquela época não havia carro, avião, trem, que permitisse o deslocamento por grandes distâncias.

– E tinha metrô?

– Você está me gozando, Júnior?! Claro que não havia metrô, pois ele é apenas um trem que trafega nas cidades. Daí era muito penoso, naquela época, ultrapassar certos limites.

– E ninguém ia para o interior?

– Ah, ia me esquecendo dos bandeirantes, os paulistas...

– Como nós?

– Você é pretensioso, seu Pedrinho. Mas é verdade. Eles eram paulistas, como nós, e formavam grupos que iam em busca

de índios, ouro, enfim, de riquezas, e construíam cidades por onde passavam. Assim, foram desbravando o país...

– Como assim?

– Mariazinha, eles paravam em muitos lugares, para descansar, pois viajavam a cavalo e às vezes até a pé. No entanto, o Brasil, como disse, é muito grande, do tamanho de um continente.

– E o que é continente?

– Continente, Zezinho, é uma grande massa de terras, cercada de oceanos, mares. O Brasil se situa no continente americano. Por ser muito grande, tinha de ser desbravado, porque os bandeirantes não atingiram todos os lugares.

– E o que mais?

– Zezinho, desde quando o Brasil ainda era colônia, isto é, estava dominado por Portugal, já se falava em mudar a capital para

o interior. Quem se lembra de José Bonifácio, o Patriarca da Independência?

— Eu!

— Pois é, Júnior, ele até bolou um nome para a capital: Brasília, ou Petrópolis. E muita gente também achava que a capital devia mudar-se para o interior, porque assim o Brasil se interiorizaria, isto é, poderia desenvolver-se.

— Puxa, mãe! exclama Mariazinha.

— Todo mundo falava que deviam fazer uma nova cidade, que seria a capital, mas ninguém se animava a dar início a esta construção.

— Por que não começaram a construir essa nova cidade?

— Bem, Júnior, a coisa é muito complicada. Não é fácil.

— Quem mandou construir Brasília?

— Foi um grande Presidente, Júnior. Chamava-se Juscelino Kubitschek. Ele nasceu em Minas Gerais, na cidade de Diamantina.

— Onde fica Diamantina, tia?

— Já disse, Pedrinho. Juscelino era mineiro. Esta cidade é muito famosa, por sua tradição, como muitas outras. Por exemplo, Congonhas do Campo, Tiradentes, Ouro Preto, Barbacena, etc.

— Puxa! E o que ele queria?

— Ele queria o progresso do Brasil. Achava, como muitas outras pessoas, que a capital tinha de mudar, e começou a obra. Não parou até o dia da inauguração. Foi uma festa e tanto. Só vendo! Tinha até vontade de estar lá, mas seu tio ficou doente e não deu para ir. Se pudesse, teria ido morar naquele mundo novo. Devia ser bonito ser pioneira, isto é, ajudar a povoar aquela cidade, naquele fim do mundo...



— Onde era esse fim do mundo?

— Bem, Mariazinha, fica num pedaço do Estado de Goiás, que se desmembrou e se transformou no Distrito Federal. Fica a cerca de 200 quilômetros de Goiânia, capital do Estado de Goiás. São Paulo fica a quase 1.000, e o Rio de Janeiro, a mais ou menos 1.100 quilômetros.

— É longe, mesmo. Tia, e como é a cidade, agora? pergunta Zezinho.

— É diferente de tudo que se conhece. As avenidas são largas. Tudo foi projetado. As quadras e superquadras são o exemplo de que o arquiteto Lúcio Costa, que morreu há pouco tempo, queria fazer algo diferente. Oscar Niemeyer, felizmente, ainda está vivo, em plena atividade. Conseguiu mostrar ao mundo o que pode o homem, quando quer inovar. Mas tinha de haver um líder, dotado de energia e determinação. Este era nada menos

que o presidente Juscelino. Como vocês vêem, o brasileiro fez, do nada, tudo. E Brasília comoveu o mundo todo. A ONU tombou a cidade, pela sua beleza, grandiosidade e valor histórico, como Patrimônio da Humanidade. Ninguém pode mexer nela.

— Tombou, como? Você quer dizer que caiu?

— Zezinho, tomar, aqui, quer dizer que a cidade deve ser preservada. Ninguém pode modificá-la.

— Eu gostaria de conhecer Brasília.

— Não se preocupe, Mariazinha. Um dia nós vamos conhecer. E levo seus primos e também o Júnior, se os pais dele deixarem.

— Agora, vamos almoçar. Parece que seu tio já chegou e sua tia está pedindo para todos lavarem as mãos, antes de se sentarem à mesa.

— Eu também?

— Por que não, seu Júnior? Afinal, você é o bom amiguinho de todos. Espero que seus pais não fiquem bravos.

— É só telefonar pra eles...

— É mesmo, havia-me esquecido disso. Você é muito vivo, não se perde!

— Pois é!...

— Mamãe, só isso? pergunta Mariazinha. Júlia, sua mãe, contente por ter atizado a curiosidade da meninada, responde alegremente:

— Já que vocês gostaram, domingo que vem contarei mais um pouco!

Assim, tia Júlia narrou um pouco da história de Brasília e lembrou-se daquela época em que quase foi parar naquele lugar inóspito, que se tornaria, em tão pouco tempo, a Princesa do Cerrado, que faria inveja a todo o mundo!